

A AGROINDÚSTRIA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE ENTRAVE AO ÊXODO RURAL NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO – PR

Jaime Antonio Stoffel¹
Vanderléia Loff Lavall²
Fernanda Giraldeello³

RESUMO

Este estudo aponta, sobretudo, o papel socioeconômico da agroindústria familiar nos municípios pertencentes à Microrregião de Francisco Beltrão – Sudoeste do Paraná. Em busca de dados para análise, foi realizada pesquisa de campo em cinco municípios da Microrregião analisada. Essa atividade contribui na geração de emprego e renda, como também na melhoria das condições de vida das famílias. Os resultados evidenciam a importância da agregação de valor aos produtos agrícolas por meio das agroindústrias familiares que, conseqüentemente, impulsionam o desenvolvimento local. Porém, O estudo mostra que mesmo com as melhorias apresentadas os moradores do campo, especialmente os jovens, continuam abandonando o meio rural em busca de melhores oportunidades de especialização e empregabilidade nos centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: agroindústria familiar, desenvolvimento local, êxodo rural.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é traçar um panorama da atividade agroindustrial familiar desenvolvida nas pequenas propriedades rurais dos municípios que compõem a Microrregião de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná.

O final do século XX, particularmente os últimos 30 anos, foi um período significativo em transformações socioeconômicas em todo o Sul do Brasil, transformações que marcaram suas economias regionais. A rapidez das modificações tecnológicas e a aceleração do processo de inovação, associadas à flexibilização das formas de produção, alteraram a distribuição das atividades econômicas no espaço dos territórios tornando uns mais dinâmicos que outros e, conseqüentemente, desiguais na acumulação de capital e nos indicadores sociais (ALVES; FERRERA DE LIMA; PIFFER, 2009).

Dessa forma, as diferentes formas de desenvolvimento da agricultura no Brasil levaram a formação de distintos modelos da pequena produção agrícola familiar nos mais diversos segmentos produtivos agrícolas e regiões do País. Estas tiveram desdobramentos significativos a partir da década de 1960, principalmente como conseqüência do processo de modernização das atividades agropecuárias. Assim, no Sul do Brasil, em uma boa parte das microrregiões, ocorreu uma

¹ Professor assistente da UNIOESTE, *campus* Francisco Beltrão e doutorando em Desenvolvimento Regional.

² Professora da UNIOESTE, *campus* Francisco Beltrão.

³ Bacharel em Ciências Econômicas pela Unioeste, *campus* Francisco Beltrão.



considerável integração vertical com as agroindústrias e o desenvolvimento de uma pequena produção agrícola familiar altamente tecnificada e mercantil.

Contudo, com o desenvolvimento da modernização na agricultura, a relativa homogeneidade social que predominava entre a pequena produção agrícola familiar no Sul do Brasil entrou em crise. O aumento da demanda por produtos agrícolas e os novos papéis da agricultura no mercado e nas políticas governamentais, estimularam a diversificação das suas formas de organização produtiva. Ou seja, a necessidade de exploração intensiva das propriedades rurais exigiu a modificação das técnicas de produção, baseadas até então na rotação de cultura e em períodos de pousio das terras (STOFFEL, 2004).

Em decorrência dessas várias mudanças ocorridas no cenário das localidades e propriedades rurais, além das exigências cada vez maiores no que tange a prática da agricultura, uma parcela significativa da população rural, e, em especial os pequenos agricultores rurais sentiram-se estimulados a trocar o meio rural pelos centros urbanos, caracterizando como êxodo rural.

É neste contexto, que surge a necessidade de alternativas de emprego e renda para as atividades e bens produzidos pela agricultura familiar. Dentre as alternativas, a agregação de valor aos produtos agrícolas, por meio da implantação de pequenas agroindústrias familiares, é um instrumento para aumentar a renda das propriedades, estimulando, dessa forma, a permanência dessas famílias no campo, e, conseqüentemente, participando no processo de desenvolvimento local nos municípios que comportam essas atividades.

Para tal, fez-se um estudo junto aos municípios do Sudoeste do Paraná, em particular na microrregião de Francisco Beltrão para estudar e analisar o comportamento das famílias rurais, proprietárias de agroindústrias familiares. Os procedimentos metodológicos são explicados na sequência, bem como os resultados e discussões.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E FONTE DE DADOS

O presente estudo tomou como base a pesquisa de campo, viabilizada por meio da formulação e aplicação de questionários junto à proprietários de agroindústrias rurais nos dezenove municípios que abrangem a Microrregião de Francisco Beltrão, pertencente à Mesorregião Sudoeste do Paraná.



Os dados apresentados (conforme quadro 01) foram coletados junto às Secretarias Municipais de Meio Ambiente e Agricultura de cada município. Outras importantes informações a respeito da atividade agroindustrial exercida na região foram buscadas em várias entidades locais, como na Agencia de Desenvolvimento Regional do Sudoeste do Paraná (AGENCIA), na Cooperativa de Comercialização da Agricultura Familiar Integrada do Sudoeste (COOPAFI) e através do projeto extensão tecnológica empresarial, intitulado “Desenvolvimento de inovações tecnológicas dos produtos alimentícios e agroecológicos da pequena agroindústria familiar” do programa Universidade sem Fronteiras financiada pela Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (SETI) e executado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

3 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

Conforme dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), a mesorregião do Sudoeste do Paraná está localizada no Terceiro Planalto Paranaense e abrange uma área de 17.060,444 Km², correspondendo a 8,6% do território do Estado do Paraná. Faz divisa ao sul com o oeste Catarinense, á oeste com a Argentina, à leste com a Mesorregião Centro-Sul Paranaense e ao norte, com o Rio Iguaçu.

Historicamente, apesar do movimento da população do Sudoeste ser marcado por um processo de expansão seguida de retração, esta continua dispersa no espaço regional, marcada pela agricultura familiar e um número significativo de pequenas cidades. (FERRERA DE LIMA, 2009).

Atualmente, a Região Sudoeste do Paraná é constituída por 42 municípios os quais demonstram ter entre si características bastante comuns, quais sejam, de ordem econômica, social e cultural. A Região caracteriza-se basicamente por propriedades rurais de pequeno porte voltadas para a agricultura familiar, cuja renda tem papel significativo para a economia local. Tal fato se justifica pelo relevo acidentado, dificultando a mecanização da agricultura em grande escala, dando lugar, dessa forma, a agricultura manual e familiar.



Tabela 01 - Estabelecimento e área da agricultura familiar, segundo as Unidades da Federação, Mesorregiões, Microrregiões e Municípios – 2006

Municípios	Agricultura familiar		Não familiar	
	Estabelecimentos	Área (ha)	Estabelecimentos	Área (ha)
Barracão	666	8.622	56	6.881
Boa Esp.do Iguaçu	525	8.833	67	4.767
Bom Jesus do Sul	703	9.491	47	7.464
Cruzeiro do Iguaçu	416	6.255	71	7.719
Dois Vizinhos	1.616	20.811	318	11.669
Enéas Marques	843	11.586	108	4.090
Flor da Serra do Sul	640	11.324	67	6.873
Francisco Beltrão	2.805	37.481	373	16.652
Manfrinópolis	643	9.396	65	12.225
Marmeleiro	1.215	19.979	189	15.567
Nova Esp.do Sud.	970	15.078	87	4.575
Nova Prata do Iguaçu	1.196	17.927	139	9.557
Pinhal de São Bento	353	5.354	26	3.190
Renascença	777	13.174	145	19.076
Salgado Filho	617	9.770	121	6.642
Salto do Lontra	1.557	19.786	204	13.571
Sto Antônio do Sudoeste	1.894	20.557	238	8.975
São Jorge d'Oeste	964	13.591	178	20.157
Verê	1.188	18.855	113	9.097
Total microrregião	19.588	277.870	2.612	188.747

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

Conforme dados da Tabela 01, pode-se observar que a quantidade de estabelecimentos rurais, nos quais o processo de produção está ancorado na agricultura familiar é superior ao número de estabelecimentos rurais não familiares.

Nota-se que na maioria dos municípios a agricultura familiar representa mais de 50% do total da área ocupada pelos estabelecimentos rurais, chegando próximo a 90% da área em alguns municípios analisados. Francisco Beltrão, Marmeleiro, Verê, Dois Vizinhos, Nova Prata do Iguaçu, Salto do Lontra e Santo Antonio do Sudoeste destacam-se pelo número elevado (acima de 1.000) de propriedades que fazem parte da agricultura familiar.

Outro fato relevante que pode ser constatado nos dados da Tabela 01, é o tamanho médio das propriedades que fazem parte da agricultura familiar (14,19ha), bem como a área total utilizada (277.870ha) por esses estabelecimentos rurais, justificando o predomínio das pequenas propriedades agrícolas na microrregião de Francisco Beltrão.

Dessa maneira, ainda de acordo com dados da Tabela 01, verifica-se que a produção agrícola da Região Sudoeste do Paraná, mais especificamente a microrregião de Francisco Beltrão mantém a sua base produtiva ligada à produção familiar.



4 CARACTERIZAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR

Inicialmente, no período de colonização a produção de alimentos estava principalmente destinada para o consumo das famílias. Os agricultores familiares enfrentavam sérios problemas em relação à deficiência de transportes e estradas adequadas para distribuição, bem como, à ausência de um comércio eficiente para comercialização dos excedentes (TASCETTO e WALKOWICZ, 2007).

A fim de assegurar o sustento e a sobrevivência da unidade familiar, as famílias passaram a praticar juntamente com os trabalhos diários da propriedade rural, determinada espécie de indústria caseira, transformando os excedentes, mesmo que de forma rudimentar, para prolongar sua vida útil. Dessa forma, deu-se origem às agroindústrias familiares.

Baseado em Bonamigo e Schneider (2007), é possível traçar algumas características comuns na maioria das unidades agroindustriais.

- As agroindústrias utilizam pouco espaço físico para a fabricação dos produtos;
- A produção das unidades agroartesanais está direcionada, sobretudo, a mercados locais;
- Os membros da família, na maioria dos casos estão envolvidos na produção, mostrando que a mão-de-obra geralmente é familiar.
- Os fatores de produção são baseados na prática agropecuária;
- Os conhecimentos agroartesanais foram adquiridos através de experiências e práticas deixadas pelos antepassados, transmitidos e aperfeiçoados a cada nova geração.

Com o passar dos anos, o trabalho na agroindústria passou a ser encarado como alternativa de incremento à renda, possibilitando melhorias nas condições de vida, ou seja, “para o agricultor familiar o artesanato produzido auxiliava no trabalho agrícola e, muitas vezes, significava renda extra” (TASCETTO e WALKOWICZ, 2007:27).

Há dois fatores que levaram ao surgimento da agroindústria familiar: O primeiro é de ordem econômica, o qual busca agregar valor aos produtos por meio da transformação dos mesmos, realizado, geralmente de forma artesanal ou semi-artesanal, quando não é cabível ao produtor comercializá-los *in natura*. O segundo fator é o de ordem social, pois está associado ao desejo do produtor de permanecer

no campo junto à sua família, buscando o envolvimento de todos os membros da família na produção, até mesmo das donas de casa, as quais desempenham um importante papel dentro das agroindústrias familiares (RUIZ et al., 2010).

A agroindústria familiar rural é uma forma de organização onde a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando, sobretudo, a produção de valor de troca que se realiza na comercialização. A agroindústria familiar rural se constitui num novo espaço e num novo empreendimento social e econômico de desenvolvimento local e de integração regional (MIOR, 2008).

Em relação ao desenvolvimento local, muitas áreas rurais têm reforçado suas ligações e coerência, focalizando seus projetos de desenvolvimento nos elementos de identidade local. Buscam identificar algo que as torne únicas, o que acaba por contribuir também para modificar a forma como os próprios habitantes enxergam a sua própria região. Além disso, o fato de se apoiarem no poder da identidade local torna os produtos dessas regiões mais desejáveis no mercado (BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004).

A identidade local torna-se uma das bases centrais da economia da qualidade, capaz de projetar internacionalmente produtos regionais, conhecidos e apreciados por reunirem características objetivas (paladar, padrão estético) com traços organizacionais que lhe são sempre associados. A identidade de uma área é, portanto, composta de todas as percepções coletivas do passado dos seus habitantes, de suas tradições e de seu *know-how*, de sua estrutura de produção, sua herança cultural, seus recursos materiais, enfim, seu futuro. Essa identidade plural não é estática; o contrário, ela pode mudar, tornar-se mais forte, modernizar-se (BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004).

Já a discussão da integração como elemento importante no processo de desenvolvimento regional, de acordo com Ferrera de Lima, 2010, exige reflexões sobre dois prismas: a primeira, a integração intrarregional, ou seja, os fatores e as mudanças econômicas e sociais que ocorrem internamente na região e fortalecem a sua coesão territorial; a segunda, a integração interregional, ou seja, os fatores e as mudanças econômicas e sociais que ocorrem na posição geopolítica e econômica da região em relação aos territórios vizinhos ou além das suas fronteiras. Como ambos estão atrelados a questões sociais e econômicas, eles podem ser



conduzidos de forma conjunta, pois estes prismas têm importância crucial na mudança do perfil do desenvolvimento regional.

Nesse sentido, a agricultura familiar exerce papel importante, principalmente por meio das agroindústrias familiares, no uso de seus conhecimentos adquiridos com seus antepassados para a produção/fabricação de produtos que mantenham as características locais e a identidade regional. A importância da dinamicidade da agricultura familiar, não está associada apenas à produção de fibras e alimentos, a mesma também possui outras importantes funções, as quais estão associadas à segurança alimentar, ao papéis socioeconômico e ambiental e de desenvolvimento local, que a mesma desempenha.

Além disso, de acordo com (Olalde, 2010), a agricultura familiar está associada à dimensão espacial do desenvolvimento, por permitir uma distribuição populacional mais equilibrada no território. Ela privilegia a reprodução de um modo de vida local, com raízes históricas e culturais, que respeita e valoriza as necessidades da família, os relacionamentos locais, o meio ambiente, a cooperação e a criatividade.

Corroborando, Ruiz *et al.* (2010), destaca que as unidades agroindustriais englobam desde micro a pequenos produtores, sobretudo de alimentos (moinhos, embutidos, destilados, fermentados, panificação, confeitos) de origem animal e/ou vegetal. Em alguns casos atividades artesanais (cestos, bordados, calçados, acolchoados, ferramentas). Esses produtos apresentam pouca sofisticação tecnológica e estão intimamente arraigados à cultura local e se destinam a diversos tipos de consumidores.

Reforçando a idéia dos produtos característicos das agroindústrias familiares, (Batalha, 1997:51), afirma que os mesmos demonstram ser “[...] essencialmente bens de primeira necessidade e de baixo valor unitário” e por esse fato, pode-se dizer que a demanda por esse tipo de produto reflete pequena variação quando o preço do mesmo sofre um aumento, por exemplo. A grande maioria dos produtos fabricados pelas unidades agroindustriais são bens de gênero alimentício, mas há também os que são fabricados a partir de tecido, papel, borracha, mostrando que o complexo agroindustrial busca atender a todas as necessidades dos consumidores.

São as experiências de transformação de produtos, envolvendo um número significativo de agricultores familiares, que estão na origem das chamadas agroindústrias rurais na Região Sudoeste e no Estado do Paraná, principalmente a



partir dos anos 1990. Nesse período, a agroindústria familiar rural teve que vencer vários obstáculos para se firmar como forma alternativa de organização da produção, processamento e industrialização de alimentos na Região Sudoeste.

Nesse contexto, as agroindústrias familiares, despontam como uma alternativa interessante na participação do desenvolvimento local, por meio da geração direta e indireta de novos postos de trabalho e renda para os agricultores familiares envolvidos nesse processo, melhorando seu nível de renda, sua qualidade de vida e, conseqüentemente, diminuindo a migração campo-cidade.

4.1 As agroindústrias familiares no Sudoeste do Paraná

O ramo de agroindústrias familiares na Região Sudoeste do Paraná é praticado geralmente por descendentes de poloneses, alemães e italianos e está profundamente atrelado ao processo de ocupação desses povos durante o processo de colonização da região, bem como, pela fixação das culturas e hábitos dos respectivos povos colonizadores ao longo dos anos (SAQUET e SANTOS, 2010).

Com referência à modalidade das agroindústrias, existem as unidades de fabricação de produtos de origem animal, as quais compreendem as agroindústrias de beneficiamento do leite, as fábricas de queijo, os abatedouros e indústrias de embutidos, os abatedouros de frangos e suínos, as granjas de ovos, as unidades de fabricação de mel e os estabelecimentos de filetagem de peixe (Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão).

Outras unidades de produção elaboram a transformação de produtos de origem vegetal, e podem ser definidas como: fábricas de açúcar mascavo e/ou melado e rapadura, vinícolas/cantinas, unidades produtoras de doces e/ou geléias, unidades fabricantes de cachaça artesanal e estabelecimentos que trabalham com polpa de frutas. Existem ainda, as unidades ligadas à panificação, as quais englobam as agroindústrias de bolachas, biscoitos, pães e massas (*ibid*).

Para operar dentro das normas higiênico-sanitárias legais, as agroindústrias produtoras de alimentos de origem animal precisam ser constantemente inspecionadas e fiscalizadas por técnicos capacitados, que trabalham geralmente junto às Prefeituras Municipais ou ao Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER).



A fim de que os estabelecimentos agroindustriais de produtos de origem animal pudessem passar por essas vistorias, garantindo ao consumidor um produto que siga um padrão de normas necessárias e que não ofereça riscos à sua saúde, foi criado o Selo de Inspeção Municipal (SIM).

Segundo Saquet e Santos (2010), as unidades produtivas cadastradas no SIM são delimitadas a comercializar seus produtos a nível municipal. Porém, o cadastro junto ao órgão, protege as agroindústrias da concorrência das que trabalham sem o registro e, ao mesmo tempo, valoriza os produtos das unidades que possuem o selo de inspeção no momento da comercialização. Nesse caso, são considerados clandestinos os estabelecimentos agroindustriais que trabalham com produtos de origem animal e não possuem cadastro no SIM. Os mesmos estão sujeitos a multas e recolhimento dos seus respectivos produtos.

A Instituição do SIM/POA surgiu da necessidade de garantir ao consumidor que a fabricação dos produtos coloniais, muito apreciados e consumidos, cumprisse todas as normas sanitárias adequadas, já que antes da criação do selo, era grande a quantidade de produtores que fabricavam e vendiam seus produtos sem controle algum, colocando em risco a saúde dos compradores.

Nesse cenário, conforme Tomasetto, *et al*, 2009, destaca-se a união de forças e recursos em novos arranjos com o objetivo de criar empregos e impulsionar o desenvolvimento local. Isso ocorre porque os produtores recebem assistência de diversas entidades governamentais e não-governamentais e essa parceria se tornou indispensável para proporcionar aos produtores maior competitividade na comercialização dos produtos, além de fomentar o desenvolvimento da agricultura, o desenvolvimento local sustentável e a promoção da cidadania e da qualidade de vida destes produtores rurais.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Nas agroindústrias familiares pesquisadas notou-se a predominância de algumas modalidades, como é o caso das unidades de fabricação de queijos e das agroindústrias de açúcar mascavo, melado e outros derivados da cana-de-açúcar, já que estas representam 38,46% do total das agroindústrias entrevistadas. Em seguida, as indústrias de panificação aparecem com 15,38%, demonstrando também, a forte presença da modalidade na atividade agroindustrial da microrregião.



As unidades de fabricação de embutidos e defumados, bem como, as indústrias de transformação de doces e geleias também estão entre as modalidades agroindustriais que mais se destacam no setor agroindustrial regional, representando 11,54% cada. As demais modalidades alcançaram menos de 8% cada, demonstrando, portanto, uma menor predominância dentro do cenário abordado.

Estes dados estão representados na Tabela 02 e demonstram o percentual de participação das principais atividades desenvolvidas pelas agroindústrias familiares na microrregião de Francisco Beltrão, coletados na pesquisa de campo junto às agroindústrias familiares.

Tabela 02: Principais Modalidades de Agroindústria Familiar na Microrregião de Francisco Beltrão – Paraná

Principais modalidades de agroindústrias familiares	Porcentagem
Agroindústria de leite e queijo	19,23%
Agroindústria de açúcar mascavo; melado; rapadura; garapa	19,23%
Agroindústria de panificação (biscoitos/bolachas e/ou pães e massas)	15,38%
Agroindústria de embutidos e defumados	11,54%
Agroindústria de doces e geleias	11,54%
Agroindústria de vinho e/ou vinagre	7,69%
Agroindústria de mel	7,69%
Agroindústria de cachaça	3,85%
Outros (Agroindústria de Filetagem de peixes)	3,85%
Total	100,00%

Fonte: Giraldeello, 2010 - dados primários.

Os dados da pesquisa também revelam os principais obstáculos encontrados quando da implantação das agroindústrias familiares. Destacam-se, por parte dos entrevistados, como principais fatores a baixa disponibilidade de recursos financeiros (27%), ausência de mão-de-obra (15%), as exigências em se enquadrar nos padrões higiênicos sanitários exigidos, formação de mercado consumidor, bem como a burocracia no momento de constituição e implantação da agroindústria (9%), falta de experiência no ramo de fabricação de produtos agroartesanais, dificuldades técnicas no processo produtivo, bem como a inexperiência em administração de empresas (6%). Já para (18%) dos entrevistados nenhuma dificuldade relevante no começo dos trabalhos na unidade de produção foi encontrada. Uma vez implantada a unidade de transformação, a mesma encontra adversidades para entrar e se manter no mercado. Estas estão representadas na tabela 03.



Tabela: 03 - Principais dificuldades encontradas pelas agroindústrias familiares quanto à administração e sobrevivência no mercado

Principais dificuldades das agroindústrias	Participação
Falta de mão-de-obra	43,33%
Clima ou entre safra	13,33%
Concorrência e/ou concorrência desleal	10,00%
Falta de equipamentos direcionados para a pequena produção/transformação ou alto custo dos mesmos	6,67%
Falta de capital de giro	6,67%
Pouco acesso ao crédito (custeio/investimento)	6,67%
Ausência de assistência técnica profissionalizada	3,33%
Espaço físico	3,33%
Impostos	3,33%
Nenhuma dificuldade	3,33%
Total	100,00%

Fonte: Giraldeello, 2010 – dados primários.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 03, 13,33% dos entrevistados, afirmaram serem os fatores climáticos e a entre safra dos produtos agrícolas a maior dificuldade enfrentada diariamente pela agroindústria familiar.

Quanto aos fatores climáticos, as agroindústrias de fabricação de queijos, por exemplo, de acordo com relatos dos proprietários, afirmam que no inverno, as vacas produzem menos leite, principal matéria-prima para geração do produto, fazendo com que a produção e os rendimentos diminuam. A falta de pastos ocasionada nos períodos de seca, necessitando que os animais tenham que ser alimentados com vários tipos de sais e rações, tornando mais elevado o preço dos insumos. Esse aumento é repassado para a produção e para o produto final.

As safras e entressafras também são caracterizadas como um forte elemento que merece atenção dentro da agricultura, e conseqüentemente, da transformação e comercialização dos produtos agroindustriais, uma vez que a safra dos produtos agrícolas acontece em determinados períodos do ano, épocas estas, em que os preços dos mesmos são mais baixos. Já nas chamadas entressafras, ocorre exatamente o contrário, ou seja, por serem menos acessíveis, os produtos agrícolas tornam-se mais caros, tornando-se mais custosa a aquisição de matérias-primas por parte das unidades agroindustriais. As unidades artesanais de transformação de frutas em doces e geléias são exemplos dessa sazonalidade.

A concorrência e/ou concorrência desleal, falta de capital de giro e o pouco acesso ao crédito, bem como, elevados custos dos equipamentos, são apontados



por um número menor de agricultores como umas das principais dificuldades encontradas pelas unidades agroindustriais.

Mas, para a maioria dos entrevistados (43,33%), a principal dificuldade que as agroindústrias familiares enfrentam no dia-a-dia é em relação à ausência de mão-de-obra. De fato, a falta de pessoas disponíveis para trabalhar nas unidades agroindustriais tem se tornado o principal obstáculo enfrentado pelas mesmas, as quais ficam subordinadas a produzirem determinada quantidade, sendo que se possuíssem mais funcionários, poderiam aumentar a produção e os rendimentos.

Outro importante fator para o desenvolvimento da agroindústria familiar é a análise do mercado consumidor. Para Batalha (1997:54), “conciliar uma demanda relativamente estável com uma oferta agrícola que flutua sazonal e aleatoriamente é o principal desafio da comercialização de produtos agroindustriais”.

Os principais canais de comercialização dos produtos advindos das agroindústrias familiares na área de análise são as feiras livres, os supermercados (estes destacando-se como o principal canal de comercialização, conforme dados da pesquisa), venda direta ao consumidor de porta em porta, ou na própria propriedade e nas cooperativas que representam o setor.

Evidencia-se que a comercialização dos produtos agroartesanais acarreta num maior giro da moeda, visto que a venda é realizada diariamente, beneficiando assim, os produtores, os quais podem fazer uso dos recursos todos os dias e não somente algumas vezes ao ano, como acontece com o plantio de grãos. Nesse sentido, na tabela 04, estão contidas as principais vantagens atribuídas pelos entrevistados em relação a implantação das agroindústrias familiares.

Tabela 04 – Principais vantagens atribuídas à implantação da agroindústria familiar na microrregião de Francisco Beltrão (PR)

Principais vantagens atribuídas à implantação da agroindústria	Porcentagem
Aumento da renda familiar e conseqüente melhoria das condições de vida da família	44%
Acesso mais freqüente aos recursos financeiros	23%
Tornou o trabalho no campo mais leve e animador	15%
Obter uma profissão satisfatória pela abertura do próprio negócio	13%
Possibilitou que a família permanecesse junta por várias gerações	5%
Total	100%

Fonte: Giraldeello,2010 – dados primários.

Nesse sentido, percebe-se que o estabelecimento da agroindústria familiar nas propriedades rurais não tem contribuído apenas para o aumento da renda das



famílias no campo. Ela tem proporcionado também às famílias proprietárias, uma melhor qualidade de vida. Atualmente, graças às inovações tecnológicas e aos rendimentos alcançados, os moradores do campo possuem um padrão de vida semelhante ao urbano.

6 CONCLUSÃO

A implantação de agroindústrias familiares na Região Sudoeste do Paraná, em especial na microrregião de Francisco Beltrão, tem se tornado uma prática cada vez mais frequente, visto que os pequenos agricultores da região, os quais se baseiam na agricultura de base familiar, possuem grandes conhecimentos sobre fabricação de produtos agroartesanais. Estes descobriram através da produção agroartesanal, uma fonte alternativa de renda para a família, por meio da agregação de valor aos produtos de origem agrícola.

Observou-se que em todas as famílias entrevistadas houve aumento dos rendimentos familiares após a instalação da unidade agroindustrial no estabelecimento rural. Da mesma forma, houve melhorias das condições de vida das famílias do campo. De acordo com os mesmos, ocorreram melhoras nos aspectos físicos e sociais da família, em termos de possibilidades de reformar ou mesmo construir uma nova residência, a fim de acomodar confortavelmente a família; comprar um novo automóvel ou até mesmo adquirir novas áreas de terras para a propriedade, o que não seria possível, ou seria muito mais penoso, sem a presença da agroindústria.

Porém, com base nas respostas colhidas através das entrevistas, pode-se deduzir que a atividade agroindustrial familiar, mesmo proporcionado inúmeras vantagens às famílias agricultoras, não pode ser caracterizada como principal elemento de entrave ao êxodo rural nos municípios abordados pela pesquisa, haja vista que 76% dos entrevistados afirmaram que permaneceriam no campo, mesmo com a ausência da agroindústria familiar na propriedade. Isso se explica pelo fato de a maioria dessas famílias exercerem outras atividades, além da prática agroindustrial em seus estabelecimentos, como o cultivo de lavouras de grãos, a pecuária, a bovinocultura leiteira e em menor escala, a produção de hortaliças.

Nesse sentido, observou-se que a instalação das agroindústrias familiares na Microrregião de Francisco Beltrão está contribuindo para uma maior interação entre o meio rural e urbano, contribuindo, nesse sentido, para o desenvolvimento local,



evidenciando a valorização dos valores regionais e mantendo a identidade da população, principalmente do campo, por meio da aplicação de seus conhecimentos passados de geração a geração, na confecção dos produtos agroartesanais. Da mesma forma, contribuem para o desenvolvimento de melhorias no padrão de vida das famílias agricultoras, que enxergaram através dos trabalhos na agroindústria, uma forma de alcançar uma profissão satisfatória e superar os desafios do campo.

Por fim, é preciso que haja um entendimento, principalmente por parte dos órgãos representativos do setor na busca de novos programas de políticas públicas, nas diferentes esferas governamentais, que incluem a produção da agroindústria familiar, bem como estimular a diversificação de produtos. Dessa forma, é possível atingir cada vez mais os objetivos de manter as famílias em suas propriedades rurais e contribuir efetivamente para que ocorra um desenvolvimento local sustentável a médio longo prazo na região.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, UNICAMP, 1992.

AGENCIA, **Transição agroecológica em sistemas familiares de produção: construindo desenvolvimento social, econômico e ambiental**. Francisco Beltrão, PR: Agência de Desenvolvimento Regional do Sudoeste do Paraná, 2008.

ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M.. **Dinamismo Setorial Diferenciado no Oeste e no Sudoeste do Paraná**. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, v. 03, p. 128-153, 2009. www.estudosregionais.org.br

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial: GEPAI: Grupo de Estudos e pesquisas agroindustriais**. São Paulo: Atlas, 1997.

BEDUSCHI FILHO L. C. e ABRAMOVAY, R.. **Desafios para o desenvolvimento das regiões rurais**. Nova economia – Belo Horizonte, setembro-dezembro, 2004.

BONAMIGO, C. A.; SCHNEIDER, C. R. **Revisitando a história: a revolta dos posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão: Grafisul Gráfica e Editora Ltda, 2007.

CALLADO, A. A. C. **Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2006.

FERRERA DE LIMA, J. . **Integracao e Desenvolvimento Regional: Elementos Teóricos**. Ideação (Unioeste. Impresso), v. 12, p. 09-20, 2010.www.unioeste.br/saber

FERRERA DE LIMA, J. ; EBERHARDT, P.H.C. ; HECK, A. L. ; GENTILINI, D.C. . **Mudanças Estruturais da Ocupação da Mão-de-Obra na Economia Regional do Sudoeste Paranaense no Início do século XXI**. Revista Brasileira de Gestão Urbana URBE, v. 1, p. 137-150, 2009.. www.pucpr.br/urbe



GIRALDELLO, F. **Análise da agroindústria familiar como alternativa de entrave ao êxodo rural na microrregião de Francisco Beltrão – PR.** Monografia, curso ciências econômicas – UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2010.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos, 2006.** Disponível em www.ibge.gov.br.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Perfil da Região Geográfica do Sudoeste Paranaense.** Disponível em www.ipardes.gov.br.

MIOR, L. C. **Trajetórias das agroindústrias familiares rurais no estado de Santa Catarina (Brasil).** IV Congresso Internacional de La Red SIAL, Argentina/Mar Del Plata, 27 a 31 de outubro de 2008.

OLALDE, A. R. **Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável.** 2010. Disponível em www.ceplac.gov.br/radar/artigos/artigo3.htm.

RUIZ, M. S. *et al.* 2010. **Agroindústria familiar de Londrina – PR.** Disponível em www.bnb.gov.br/.../Agroindustria%20Familiar%20de%20Londrina-PR.PDF.

SANTOS, R. A. Dos. **O processo de modernização da agricultura no sudoeste do Paraná,** 2008. Disponível em http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/08/roselialves.pdf

SAQUET, M. A.; DOS SANTOS, R. A. **Geografia agrária, território e desenvolvimento.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. **Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970.** 2010. Disponível em [www.ser.ufpr.br/geografar/Revista Geografar ISSN: 1981 – 089X](http://www.ser.ufpr.br/geografar/Revista%20Geografar%20ISSN%201981-089X).

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão - Secretaria da Agricultura, 2010. Disponível em www.franciscobeltrao.pr.gov.br

SILVA, J. G. da **Tecnologia e agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

STOFFEL, J. A. **A viabilidade da agricultura familiar: formas de organização produtiva no oeste do Paraná.** Toledo, 2004. Dissertação de Mestrado – Centro de Ciências Sociais Aplicadas/UNIOESTE – *campus* de Toledo – Paraná.

TASCHETTO, P. R.; WALKOWICZ, J. **Gestão das unidades artesanais na agricultura familiar: uma experiência no Oeste do Paraná.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2007.

TOMASETTO, M. Z. C.; FERRERA DE LIMA, J. ; SHIKIDA, P. F. A. **Desenvolvimento Local e Agricultura Familiar: O Caso da Produção de Açúcar Mascavo em Capanema - Parana.** Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 10, p. 21-30, 2009. www.ucdb.br

